**VINCULAÇÃO MÃE BEBÊ, RELAÇÕES PARENTAIS E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA EM UM VIÉS PSICANALÍTICO.**

 Samilla Macêdo Freire Lima[[1]](#footnote-1)

 Cícera Jaqueline Sobreira Andriola[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

Este artigo é uma apresentação das influências do vínculo materno para o desenvolvimento emocional e afetivo da criança desde o período da gestação até a mesma conseguir estabelecer novos laços externos a esse contexto, apresentando os pontos que podem vir a tornar essa relação mais saudável, mostrando também que essa vinculação poderá ter reflexo durante todo o decorrer da vida da criança, influenciando na construção de sua personalidade e na maneira em que ela irá reagir aos estímulos do ambiente no qual está inserida. O artigo considera também as patologias ocasionadas por uma relação negativa entre a mãe e seu bebê, os fatores que ocasionam essa relação adoecida e quais os possíveis prejuízos que serão desencadeados a curto e a longo prazo na vida da mesma, visando expor de maneira mais detalhada em que aspectos essa criança será mais prejudicada de forma emocional, não desconsiderando também os tipos de consequências emocionais ocasionadas pelo relacionamento parental disfuncional no desenvolvimento da criança, como os sentimentos dos pais pela criança podem vir a gerar futuros problemas e quais as consequências geradas pela falta de acolhimento por partes dos mesmos a essa criança emocionalmente prejudicada. Enfim, demonstra a importância e a influência do ambiente saudável e acolhedor na construção do desenvolvimento afetivo dessa criança e na maneira como a mesma irá estabelecer suas relações futuras, dando ênfase nos tipos de patologias que a criança poderá desenvolver e que irá ser determinante para sua maneira de vivenciar experiências, baseado na experiência vivida com a suas figuras parentais.

**Palavras-chave:** vínculo materno. Desenvolvimento emocional. Patologias. Relacionamento parental disfuncional.

**ABSTRACT**

This article is a presentation of the influences of maternal bond to the emotional and affective development of the child, starting in its gestation period until it can establish new external links in this context, showing the points which may make this relationship more healthy, also showing that this link may be reflected throughout the course of a child's life, influencing the construction of its personality and the way in which it will respond to environmental stimuli in which it operates. The article also considers the pathologies caused by a negative relationship between the mother and her baby, the factors that cause this diseased relationship and what the possible losses that will be triggered in the short and long term in the life of it, in order to expose in more detail in what ways this child will be harmed in affective and emotional way, also not disregarding the types of emotional consequences caused by dysfunctional parental relationship in child development, such as the feelings of the parents of the child are likely to generate future illnesses and what the consequences generated the lack of reception in parts thereof to this emotionally diseased child. Finally, it demonstrates the importance and the influence of a healthy and welcoming relationship in the construction of the emotional development of the child and how this child will establish its future relations, with emphasis on the types of diseases that the child can develop and will be decisive for its experiences, based on the experience lived with their parental figures.

**Keyords:** Maternal bond. Emotional development. Pathologies. Dysfunctyonal parental relationship.

**1 INTRODUÇÃO**

O primeiro vínculo da criança é estabelecido ainda dentro do útero de sua genitora, diante disso a mãe começa a construir relações com o seu futuro bebê, relação está que será muito determinante para o desenvolvimento afetivo e emocional do mesmo após o nascimento. A partir daí já pode ser percebido o acolhimento que a criança irá ter ao nascer, por isso é tão importante que inicialmente á mãe já estabeleça uma relação positiva de afeto com seu filho, referenciando Mora (2008, p. 95) “Vão sendo construídas as bases espiraladas e dimensionadas das formas futuras da relação vincular-objetal”.

É considerada a grande necessidade de dar um enfoque nas influencias que o vinculo parental tem nesse desenvolvimento afetivo e emocional, dando um enfoque nas possíveis patologias ocasionadas por uma relação disfuncional, Diante dessa consideração é perceptível à importância de uma pesquisa mais detalhada dos estudos sobre o tema vinculação mãe bebê, relações parentais e desenvolvimento emocional da criança em um viés psicanalítico, sendo possível dessa maneira, fazer esse aprofundamento através de uma visão winnicottiana.

Para ter uma melhor compreensão sobre as influências que essas relações vinculares terão no desenvolvimento do bebê e suas possíveis consequências sejam elas saudáveis ou patológicas, até o bebê conseguir estabelecer suas primeiras relações com o meio externo a esse contexto, o trabalho visa responder a seguinte pergunta, Qual a influência do vínculo mãe-bebê e da relação parental para o desenvolvimento da criança?

Partindo dessa pergunta o presente trabalho tem como principal finalidade analisar a influência do vínculo mãe-bebê e da relação parental no desenvolvimento emocional da criança, dessa maneira buscando definir qual a importância do apoio emocional da mãe no desenvolvimento desse bebê, pretendendo também identificar as possíveis relações patológicas que podem ser geradas a partir desse vínculo, e por fim compreender de que maneira as relações parentais disfuncionais podem afetar o desenvolvimento do mesmo.

Na tentativa de auxiliar em um melhor esclarecimento para as questões citadas anteriormente, é possível notar à importância do aprofundamento sobre os principais pontos que norteiam o tema desse trabalho, tanto para colaborar nos estudos científicos, de maneira a acrescentar com mais materiais acerca do que é possível ser debatido no trabalho, para que os pesquisadores interessados no tema sintam-se mais motivados a pesquisar sobre as questões norteadoras do trabalho que são, as influencias das relações vinculares e afetivas para o desenvolvimento da criança.

 É desejável também que essa pesquisa colabore para que a sociedade tenha uma melhor compreensão sobre a importância das primeiras relações afetivas da criança, que começam a ser formadas a partir do período de gestação, perpassando pelos seus primeiros meses de vida e tendo continuidade no percorrer de seu desenvolvimento, nesse sentido deixando claro que a responsabilidade materna e parental vai além dos cuidados fisiológicos e biológicos em relação á seu filho.

De acordo com Motta (2008, p. 95):

Por isso, quem vai ser mãe não se limita a fornecer por meio do sangue e da placenta os nutrientes necessários para o desenvolvimento do bebê, mas transmite também emoções percebidas pelo bebê, positivas ou negativas, que terão uma grande influência em sua evolução.

Para um maior aprofundamento nesse tema mostrou-se a necessidade de fazer um levantamento de dados bibliográficos, usando como base para dar fundamento a este trabalho a leitura de livros clássicos do autor Winnicott, mencionando Lima e Mioto (2007, p.48) “Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos”.

Diante disso para que o trabalho pudesse explanar todo o conteúdo almejado, mostrou-se a necessidade de estruturá-lo em três tópicos, o primeiro vem falar da função do vínculo materno no desenvolvimento afetivo e emocional da criança, onde possibilita a contemplação das principais questões desse primeiro vínculo e seus aspectos positivos por consequência do mesmo, já o segundo trata-se das possíveis consequências patológicas ocasionadas por essa vinculação e se essa relação ocorre de maneira a ter prejuízos de curto a longo prazo na vida desse bebê, finalizando o terceiro tópico vem abordar quais os prejuízos emocionais ocasionados pelo relacionamento parental disfuncional no desenvolvimento da criança.

 **2 FUNÇÃO DO VÍNCULO MATERNO NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E AFETIVO DA CRIANÇA.**

A relação entre a mãe e seu filho ocorre a partir do desenvolvimento do feto na barriga, pois a mesma já começa a projetar fantasias em seu bebê, a imaginar como ele vai ser ou qual o seu sexo, então inicia-se uma espécie de diálogo, gerando dessa maneira uma um laço afetivo e a formação do primeiro vínculo. Segundo Gutierrez e colaboradores (2011, p.10) “A formação deste primeiro vínculo é facilitada pela disposição inata do bebê para a vinculação, e não se inicia apenas com o nascimento deste, mas antes, já na história da gravidez, [...]”.

Toda via no decorrer do período gestacional a mulher pode ter vários sentimentos sejam eles negativos como, por exemplo, ansiedade e insegurança ou positivos em relação a sua gravidez, vindo a prejudicar ou a facilitar a criação desse vinculo. Citando (NOBREGA, 2005 apud GUTIERREZ et al. 2011, p. 12) “Se houver aceitação e predomínio de sentimentos positivos, as chances de formação de um vínculo positivo com o bebê são maiores”.

Esse vínculo que vem sendo construído através da maneira afetiva e emocional de como a mãe se relaciona com seu filho logo no período da gestação e tendo continuidade após o nascimento da criança, é muito importante para que o bebê tenha um desenvolvimento saudável, fazendo com que o mesmo sinta-se mais seguro, gerando uma identificação do bebê em relação sua mãe. De acordo com Borsa (2007, p. 311) “A formação do vínculo mãe-bebê é essencial na infância e sua importância é maior nessa idade do que nos períodos posteriores”.

É perceptível também que a mãe se identifica com o seu filho desde o inicio de sua gravidez, essa identificação tende a aumentar durante o desenvolvimento de sua gestação, o feto ao está sendo gerado torna-se um sujeito imaginado e fantasiado pela gestora, esse bebê pode ter muitos significados na fantasia dessa mãe, sendo esse muitas vezes de maneira inconsciente. (WINNICOTT, 1986-1971).

Após o nascimento desse bebê, a mulher percebe seu filho não mais como parte de si, más sim como um novo sujeito no mundo que precisa de seus cuidados. Referenciando ainda Gutierrez et al. (2011, p. 12) “Além de tomar consciência da separação de seu filho, o nascimento é o momento em que surgirá a criança, antes um filho em potencial, que passa a ter um estatuto de sujeito de direito e o status de pessoa”.

A relação que é estabelecida entre a mãe e seu bebê, cresce a partir das situações que tem significados positivos e prazerosos exigindo dessa forma um grande conteúdo afetivo, nesse sentido também é desenvolvido um apego emocional em relação a sua mãe, por parte do bebê. (KLAUS, KENNEL & KLAUS 2000, apud BORSA 2007).

Esse apego que é criado pela mãe passa para a criança uma sensação de proteção e essa relação é importante para a construção da identidade da mesma. O modo de como a mãe passa essa segurança e proteção para seu filho pode ser decisivo para a formação da imagem que a criança irá ter de si e da elaboração da percepção de mundo que ela irá formar, nesse sentido essa relação de apego será decisiva para determinar o modo de sentir, pensar e agir da criança em situações diferentes.

O bebê nasce na condição de desamparado, com isso gera uma dependência da relação entre ele e sua mãe, a partir dessa dependência no começo do seu desenvolvimento, é que irá dar o inicio da construção da identidade do mesmo, por isso é tão importante a existência de um vínculo saudável entre mãe e filho, sendo necessário também existir uma troca de afeto (MARCIEL e ROSEMBERG, 2006).

Nesse sentido fala-se que a criança está num momento de dependência absoluta dos cuidados dessa mãe, pois ainda sente-se desintegrado do ambiente e mostra-se incapacitado para entender as novas sensações que está vivenciando. Referenciando Avellar (2004, p. 55) “No inicio, o bebê está mergulhado em sensações, sem nem uma condição de interpretá-las ou nomeá-las. Em um primeiro momento, ele vive essas sensações no absoluto estado de não-integração”.

A princípio o bebê também depende totalmente de sua mãe para satisfazer as suas necessidades e a mãe age naturalmente, de maneira que consiga cumprir o que o filho está necessitando e essa satisfação ocorre de maneira natural. Winnicott (1988, apud GUTIERREZ et al. 2011, p.13) “usa o termo ‘mãe devotada comum’ para designar aquela mãe que, naturalmente, se adapta de forma sensível e ativa às necessidades do bebê, que no início são absolutas”.

Sobre o termo referenciado, percebe-se também que essa preocupação faz com que a mãe coloque-se no lugar de seu filho sem se confundir com o mesmo, nesse contexto ela se adapta a todas necessidades que ele possa vir a ter, que segundo Avellar (2004, p. 54) “Este é um estado muito especial em que a mãe se encontra no final da gravidez e logo após o nascimento do bebê, que lhe confere a possibilidade de compreender e adaptar-se sensível e adequadamente às necessidades do seu filho”.

Winnicott traz ainda a “preocupação materna primaria” para designar que a mãe já consegue entender as primeiras necessidades do seu filho, para que então possa vir a satisfazê-lo de acordo com a demanda do bebê. Se a mãe consegue desenvolver essa capacidade de entendimento das diversas necessidades do seu filho no inicio do desenvolvimento do mesmo, ela é considerada como “suficientemente boa”, de acordo com a importância desse apoio materno tanto físico como psíquico considerado saldável o neném irá ter um desenvolvimento mental adequado (MOTTA, LUCION e MANFRO, 2005).

Durante o inicio do desenvolvimento da criança a mãe apresenta uma implicação fundamental no conhecimento, experiências e aprendizado do seu filho, mais do que qualquer outro membro da família, pois a criança tem a mãe como um espelho, com isso o bebê nos seus primeiros meses, passa a acreditar que a sua mãe é uma extensão de si mesmo, ou algo que ele criou. Citando Winnicott (1971, p.153) “Nas primeiras fases do desenvolvimento do bebê humano, um papel vital é desempenhado pelo meio ambiente, que, de fato, o bebê ainda não separou de si mesmo”.

Essa etapa é considerada saudável e natural, pois já que a criança vê a mãe como seu próprio reflexo, ela espera receber de volta o que está transmitindo para a mãe. Segundo Mora (2008, p. 148) “Durante os primeiros meses o bebê não consegue, de forma alguma, considerar-se diferente dos outros. Não consegue pensar em algo aparentemente tão simples como o ‘EU’”.

Nessa fase do espelho é o momento em que o psiquismo infantil está se desenvolvendo e o tendo como modelo para as construções das relações desse sujeito com o mundo real, concordando com Mora (2008, p.149) “O resultado é a identificação da criança pela primeira vez, com a imagem que vê no espelho graças a intervenção do outro”. com isso a mãe retribui esse olhar para a criança, lhe passando segurança para que ela comece a entender que é um sujeito separado do ambiente.

O apoio da mãe no decorrer do processo de aprendizagem e descoberta do seu filho é de fundamental importância, pois se ela se mostra interessada em algo novo que seu filho realize, a criança se sentirá mais estimulada implicando assim num desenvolvimento saudável. De acordo com Spitz (1965, p. 124-125) “Se sua atitude é maternal e carinhosa, ela aprecia praticamente todas atividades do filho. Seus afetos, seu prazer, suas próprias ações, conscientes ou inconscientes, facilitam inúmeras e várias ações do filho”.

A comunicação estabelecida entra a mãe e seu filho é única, diferenciando-se da comunicação entre adultos, pois entre os adultos essa comunicação é ocasionada através de gestos ou símbolos verbais, já na comunicação mãe e bebê essa comunicação é realizada através de sinais, ou seja se o bebê chora em algum momento especifico, ou se esse choro ecoa mais forte ou fraco, sua mãe pode entender o que o motiva a chorar (SPITZ,1965).

É observável também que na relação mãe-bebê existe uma troca de afetos entre ambos, citando ainda Spitz (1965, p. 140) “Consciente ou inconscientemente, cada parceiro na dupla mãe-filho percebe o afeto do outro e, por sua vez, responde com afeto, numa troca afetiva recíproca continua”.

O desenvolvimento que se faz mais importante na fase inicial do bebê é o afetivo, por esse motivo é tão relevante a mãe estabelecer essa troca de afetos com seu filho, pois a partir daí ele começa a se desenvolver emocionalmente de maneira saudável, de acordo com Spitz(1965, p. 40) “Os afetos parecem manter essa tendência durante o resto do desenvolvimento, pelo menos até o final do primeiro ano de vida”.

Na fase inicial de relação mãe-bebê, o bebê acredita que tudo ao seu redor faz parte dele, pois até então para ele sua relação é estabelecida apenas com sua mãe na qual tenta suprir todas as suas vontades, mas a partir de novos estágios o bebê passa a desacreditar nessa crença de que tem poder sobre tudo, isso só acontece de maneira natural e saudável quando a mãe estabelece um contato com as pessoas e a realidade, para que o bebê possa aprender a ter confiança em outros meios que não seja só a mãe (GUTIERREZ et al, 2011).

Essa nova fase torna-se fundamental na vida da criança, pois a partir de então a mesma consegue estabelecer relações com a realidade e manter-se como pessoa. A mãe tem um importante papel de fortalecer o ego de seu filho, isso acontece através do afeto e segurança que ela dá a criança e através de uma relação saudável entre ambos, tornando-se fundamental para que o mesmo passe de maneira positiva pelas diferentes fases de seu desenvolvimento (WINNICOTT, 1971).

Diante da maneira de como a criança foi estimulada e cuidada pela figura materna, a mesma poderá construir uma representação interna de si, fazendo com que desenvolva sua alto confiança. Esses estímulos farão com que a criança tenha autonomia e sinta-se segura para que possa criar vários meios e saídas em situações que lhe venha causar dificuldades e que possa também confiar em auxílios externos, permitindo ser ajudada. Dessa forma a criança passará a se sentir independente e segura para criar laços além dos pais, podendo desenvolver novas experiências (BOWLBY, 1988, apud GONÇALVES et. al., 2006).

Nessas circunstancias a criança guarda as memórias de como era tratada pelos seus cuidadores, ela reproduzirá essas lembranças fazendo com que se sinta segura para se tornar uma criança com sentimento de independência e criar outros vínculos, esse momento é conhecido como “rumo a independência”, que quer dizer que ela está preparada para relacionar-se naturalmente com o meio, não sendo um sujeito isolado. (Winnicott, 1963, apud Sei, 2008).

O que também faz necessário ser citado nesse contexto é a relação da mãe adotiva com o seu bebê e a importância desse vínculo para o amadurecimento dessa criança. Citando Gomes (2006, p.52) “[...] nem sempre é possível à mãe biológica cuidar do filho, observa-se na adoção uma forma de tratamento que dá à criança um ambiente confiável, que possibilita cuidados especiais que não ignoram traumas anteriormente vividos por ela”.

Mesmo que a mãe adotiva não consiga atingir o estado de “preocupação materna primária” da mesma maneira que a mãe biológica, ela tem a capacidade de se envolver num estado de preocupação e identificação com esse bebê mesmo não estando grávida, isso vem a ocorrer se logo ao nascer a criança for adotada, pois a espera excessiva pela adoção atrapalha o estado sensível em que a mãe se encontra ao fazer essa decisão, pois esse estado é o que irá facilitar essa identificação (GOMES, 2006).

Um importante momento em que existe uma grande troca de afeto entre a mãe e o seu filho é durante a amamentação, embora a mãe adotiva não possa amamentar, o que importa nesse momento é o cuidado que ela tem com o seu filho quando está o alimentando. Segundo Winnicott (1945, p. 31 apud. GOMES, 2006, p. 53) “A alimentação da criança é uma questão de relação mãe-filho, o ato de pôr em prática a relação de amor entre dois seres humanos”.

Apesar da criança ao nascer não ter tido uma primeira relação com sua mãe adotiva, pode ser construído um envolvimento profundo entre ambas, na qual a criança venha a sentir-se sustentada, segura e acolhida pela mesma, esse envolvimento é essencial para a construção de sua personalidade e terá influencias para que ela sinta-se como membro da família que a adotou (GOMES, 2006).

**2.1 RELACIONAMENTO PATOLÓGICO MÃE-BEBÊ E SUAS CONSEQUÊNCIAS.**

O entrelaçamento do vínculo mãe-bebê pode não ocorrer de forma harmônica e a mãe muitas vezes não consegue corresponder as demandas do filho, de maneira que a criança não enxergue no rosto da mesma o que estão querendo ver, ou seja, a extensão delas mesmas, dessa maneira não existindo reação nem uma por parte das mães para a demanda dos filhos, essa reação da mesma pode gerar consequências negativas para o bebê, ele vem a apresentar um empobrecimento na sua capacidade de criatividade, ele vai reagir, buscando outras maneiras de se enxergar no ambiente (WINNICOTT, 1971).

A criança aprende a prever o estado de humor da mãe partir das feições que elas exprimem, isso ocorre para que ela entenda qual o momento pode se sentir seguro para agir com espontaneidade, ou quando deverá abrir mão de suas necessidades em favor do estado de humor da mãe que no momento dominará, caso contrário quando o rosto de sua genitora não apresenta nenhuma reação emocional, o bebê torna-se incapacitado para prever as reações emocionais citando Winnicott (1971, p.155) “Um bebê tratado assim crescerá sentindo dificuldades em relação a espelhos e sobre o que o espelho tem a oferecer. Se o rosto da mãe não reage, então o espelho constitui algo a ser olhado, não a ser examinado”.

Quando existe o apego seguro do bebê em relação a sua mãe, naturalmente ele se sente seguro, lhe causando um bem estar e um sentimento de confiança aos demais adultos, já o apego inseguro, isto é, quando a mãe não corresponde às demandas do filho e não lhe passa confiança, pode fazer com que a criança desencadeie um estresse vindo afetar o seu desenvolvimento e causando uma falta de confiança nos demais adultos, tornando-se também uma criança insegura (MOTTA, LUCION e MANFRO, 2005).

Sabe-se que se essa relação de apego seguro não existir, a criança pode se afastar e se excluir de outras relações, tornando-se inibidas ou até mesmo hostis, isso irá ter como consequência uma dificuldade na criatividade da criança, como também sua autoconfiança irá ser prejudicada (BOWLBY, 1989 apud BORSA e NUNES, 2011).

Já no momento do aleitamento materno o bebê percebe os diversos afetos da mãe em relação a ele, começando a criar as representações do objeto materno, nesse momento a mãe pode demonstrar afetos positivos ou não, mas que irão ter muita influência no desenvolvimento da criança. O bebê poderá sentir-se frustrado podendo gerar sentimentos de ódio intenso vindo a ser introjetado no seio de sua mãe, ele o vê como objeto perseguidor, se a mãe se sente angustiada e não consegue lidar com essa situação, ela poderá ter uma interação ansiosa com seu filho, causando a ele um sentimento de ambivalência, desencadeando na fantasia inconsciente do mesmo que é um ser maléfico e que o seio de sua mãe é objeto de ódio, a partir daí esse bebê terá o seu desenvolvimento afetado não tolerando suas próprias frustações, raivas, angustias (MARCIEL e ROSEMBERG, 2006).

Quando a mãe se mostra muito ansiosa na relação mãe-bebê ela pode vir também a demonstrar um cuidado excessivo com o seu filho, mais do que é considerado normal, impedindo que ele se desenvolva e construa outras relações com o meio externo aos dois, isso pode acarretar problemas no desenvolvimento dessa criança, como por exemplo futuros problemas em sua comunicação e insegurança (FLORES et. al., 2013).

O que pode desencadear uma possível patologia no bebê, é também o sentimento de possessividade e proteção acima do comum da mãe para com o seu filho, fazendo com que ela não apoie as novas relações do seu bebê com o meio externo aos dois, gerando um sentimento de incapacidade na criança, podendo vir a afetar o desenvolvimento da auto estima dessa criança (GONÇALVES et. al., 2006).

A mãe na relação com o seu filho pode não vir a passar confiança para ele, gerando insegurança no estabelecimento de relações externas a sua mãe ou ao cuidador, ele poderá se isolar do meio externo, vindo a não estabelecer vínculos com o ambiente, ele não introjetará a confiança em si, já que não pode vivenciar essa situação, ele não terá dependência suficiente para fazer novos contatos e não terá confiança suficiente para interagir fora do contexto parental. Se essa patologia acontece no inicio da vida do bebê, ele pode vir a desenvolver uma psicose, como por exemplo criando um “falso self”, ou seja, a criança ira tentar agir de maneira forçada para corresponder as demandas do ambiente externo a ela, isso irá ocorrer para que ela possa proteger o “verdadeiro self” das situações que para ela serão ameaçadoras, dessa maneira se protegendo de todo o meio. (WINNICOTT, 1960, apud SEI, 2008).

Nessa situação quando a criança apresenta o “falso self”, quer dizer que ela está sempre submissa ao ambiente, acarretando no prejuízo de seu movimento natural, pois irá agir sempre de forma passiva, para satisfazer a vontade do meio externo a ele, essa criança então passará a se sentir inútil, em situações mais graves, quando a criança não demonstra sua criatividade, ou não manifesta sua personalidade, pra ela não irá importa se estiver viva ou morrer. (WINNICOTT, 1975, apud SEI, 2008).

Outro grande problema que influencia na construção do vínculo patológico entre a mãe e seu bebê é a depressão pós-parto, esse relação torna-se prejudicial porquê a criança depende de um cuidado saudável e do equilíbrio emocional de sua mãe, pois é onde seu primeiro relacionamento vai está se constituindo. Para Teixeira (2007, p.301) “Bebês de mães deprimidas apresentam mais frequentemente alterações comportamentais, tais como a evitação do olhar, a apatia e adquirem a linguagem mais tardiamente”.

Os bebês demonstram ser bem vulneráveis a depressão materna pós-parto, eles vivenciam esse momento como sendo um luto, pois a criança percebe esse amor materno como perdido, elas perdem o sentido de sua existência, pois em seu primeiro desenvolvimento se veem como centro do mundo materno e nesse contexto elas tem que passar por essa desilusão de maneira precoce, sendo que também não demonstram nem um entendimento do que está acontecendo, portanto o que vem a acontecer é uma identificação primária com essa mãe “morta”. Essa identificação é negativa, pois a criança passa a se identificar com a falta de investimento de sua mãe e não com o objeto (TEIXEIRA, 2007).

No entanto as mães com depressão não estão tristes em todos os momentos de interações com seu bebê e então em algumas ocasiões se relacionam de maneira normal com seu filho, nesse momento as crianças criam uma expectativa desse relacionamento, más no momento em que essas mães se retraem novamente a criança volta a ficar em uma situação depressiva. Essa frequente mudança de humor materno, pode ser o motivo pelo qual os bebês evitam olhar diretamente para outras pessoas, ou até a falta de vontade para interação com outros sujeitos (FRIZZO e PICCININI, 2005 apud TEIXEIRA, 2007).

As mães quando estão deprimidas podem apresentar dois tipos de interações com seu filho, um deles é a interação apática que consiste na ausência de estimulação dessa mãe com a criança e o outro seria a interação intrusiva, que consiste no excesso de estimulação, como consequência a criança pode se desenvolver interagindo de maneira deprimida, ou então passará a ser uma criança agitada, se irritando facilmente, como tentativa de se defender das inadequadas estimulações de sua mãe (FRIZZO e PICCININI, 2005 apud TEIXEIRA, 2007).

**2.2 AS INTERFERÊNCIAS DAS RELAÇÕES PARENTAIS DISFUNCIONAIS NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA.**

Desde o inicio da gravidez os pais já começam a construir a identidade do bebê, atribuindo-lhes características próprias e individuais. São criadas expectativas, diante do comportamento da criança prever-se qual o tipo de temperamento e como é a reação do bebê que ainda está sendo gerando diante de determinados estímulos, a partir do período de gestação o bebê é percebido como ser integrador da família (BORSA, 2007).

Quando a gravidez é desejada demasiadamente, ou quando há um longo período de programação da mesma, quando ela ocorre os pais podem ter um sentimento de posse por seu futuro bebê. Consequentemente ao nascer, os pais poderão ter dificuldades em deixar esse filho se desenvolver, pois sempre vão querer protege-lo de situações externas a eles, com isso impedem que o mesmo se desenvolva de maneira adequada e saudável, fazendo com que o filho futuramente tenha dificuldade em se relacionar socialmente, demonstrando insegurança e dependência pelos pais (MORA, 2008).

Ocasionalmente pode ocorrer também que um casal em crise conjugal venha a ter um desejo inconsciente pela criança que ainda está sendo gestada, desejo este que pode vir a prejudica-la ao nascer, no sentido que o casal possa projetar na criança que o seu nascimento amenizará a situação conflituosa, trazendo soluções para resolver os problemas, como também preencher a falta de afetividade, consequentemente os pais poderão tornar-se dependente do amor dessa criança, fazendo com que ela sinta-se como um objeto que irá servir de aproximação para os dois(MORA, 2008).

Futuramente a criança só irá compreender que é um membro da família, quando se vê como sujeito separado da mãe, e entende que os dois são pessoas diferentes. Referenciando Winnicott (1896-1971, p. 59) “[...] cabe a cada indivíduo compreender a longa jornada que leva do estado de indistinção com a mãe ao estado de ser um indivíduo separado, relacionado a mãe, e ao pai e à mãe enquanto conjunto”.

Toda a relação de afeto que é gerada no contexto familiar, é refletida em todos os membros, fazendo com que eles internalizem essa experiência. Quando a relação desencadeia constantemente uma desordem emocional pode gerar prejuízos psicológicos durante o decorrer do desenvolvimento da criança, porque são sujeitos sensíveis e vulneráveis, pois ainda estão se desenvolvendo emocionalmente, consequentemente absorvem todos os estímulos ao seu redor, incluindo situações rotineiras de muito estresse, vem a interferir na construção de sua identidade (MARCIEL e ROSEMBERG, 2006).

Sabe-se que a mãe é a figura principal para o desenvolvimento emocional da criança, mas se o pai não se mostra presente para entrar nessa relação no momento adequado, o bebê passará a ter um pai criado em sua fantasia, então este não será um pai real, porém idealizado. Em outra situação a presença do pai tem grande importância, para que a criança consiga estabelecer seus sentimentos, muitas vezes a mesma está predisposta a odiar alguém, se o pai não se faz presente ela passará a odiar sua mãe, que é quem a criança mais ama, então isso acarretará em uma confusão emocional para a mesma, afetando na formação desse vinculo (WINNICOTT, 1896-1971).

Por outro lado, compreende-se que o vínculo entre a criança do sexo feminino e seu pai é muito forte, citando Winnicott (1896-1971, p. 132). “De fato, todas as meninas sonham estar no lugar da mãe ou, de qualquer modo, sonham romanticamente”. Em alguns momentos as mães não compreendem essa relação, então podem vir a ter sentimentos de rivalidade ou ciúmes por parte delas, vindo a afetar esse vinculo, não permitindo uma evolução, a criança poderá crescer frustrada, ou com um sentimento de culpabilização por esse laço paterno, no entanto essa relação é para ser compreendida como uma etapa normal do desenvolvimento afetivo da criança.

Um dos grandes problemas que também podem vir a interferir nesse desenvolvimento emocional do bebê é a depressão por parte também de um dos pais, pois é sabido que esse problema não interfere apenas no comportamento ou no cuidado deles em relação a criança, más irá afetar também no modo em como o filho irá responder aos estímulos, pois se a mãe ou o pai da criança estão deprimidos, irão despertar mais emoções negativas do que positivas na criança, fazendo com que elas sejam mais perturbadas ou desorganizadas, isso ocorre por que o sujeito deprimido encontra-se na maioria das vezes tristes e incapacitados para ter um interação saudável com seu filho, então esse comportamento negativo que foi absorvido pela criança, poderá refletir no decorrer de sua vida, fazendo com que essa criança se torne retraída, ou até mesmo agressiva (BEE, 2003).

Quando a depressão é por parte da mãe a criança tenta estabelecer uma relação com seu pai, pois entende que houve uma falta do investimento materno para com ela, nesse caso o que ocorrerá uma relação paterna precoce, podendo vir a gerar frustações para essa criança que se sentirá abandonada por sua mãe, o pai pode também não corresponder a essa demanda de seu filho e não acolher sua aflição, fazendo com que a criança não se sinta como sujeito integrador desse ambiente, e não tenha um objeto que lhe sirva de espelho, com isso será gerada angustias e inseguranças por parte dessa criança (TEIXEIRA, 2007).

Um fator no relacionamento parental que também causa problemas no desenvolvimento saudável do bebé é a falta de habilidade para o apego dos pais com a criança, causando uma falta de interação entre ambos, isso pode ocorrer por motivo de que os pais que não conseguem interagir com seus filhos, também não tiveram um apego saudável com seus pais quando eram bebês, como consequência seus filos poderão desenvolver esse mesmo comportamento futuramente (BEE, 2003).

Quando os pais também não apresentam uma responsabilidade e segurança em relação á seus filhos, o apego torna-se inseguro, isso pode acontecer também, se a criança tiver passado por alguma situação de abuso, ou se os pais sofreram algum tipo de trauma na infância, quando a mãe ou o pai se afasta ou demonstra ter rejeição por seu filho com frequência, pode fazer com que o bebê comece também a evitar ter um apego com seus pais ou outras pessoas (BEE e BOYD, 2011).

Diante dos estudos evidencia-se que quanto maior o grau de apego seguro das crianças com o seus pais, maior será a solidificação dessa confiança, más se essa relação acontecendo de maneira contrária irá gerar um descontentamento na mesma, com isso ela terá constantemente vontade de alterar essa relação que é marcada pelo sentimento de angústia, que como consequência também irá lhe causar sentimentos de raiva e insegurança, sendo que essas reações afetivas podem se desenvolver ao longo dos restantes da faze de seu desenvolvimento afetivo (ABREU, 2005).

Outro prejuízo psicológico causado pela desordem familiar é o excesso de carência afetiva da criança, com isso ela poderá passar a ter comportamentos antissociais, tornando-se destrutiva para sua família, ela passa então a querer destruir coisas boas que fazem parte desse ambiente, que ao mesmo tempo lhe está fazendo falta, podendo gerar dessa maneira uma desintegração familiar, que é causada pela insuficiência no desenvolvimento da criança (WINNICOTT, 1896-1971).

Se isso vem a acontecer, a família tem que acolher essa criança que está emocionalmente adoecida, dando-lhe o apoio necessário, pois quando essa família não consegue suportar a criança adoecida, ela se sente incapacitada para promover um ambiente que seja acolhedor, gerando assim um mal estar nesse sujeito em desenvolvimento e acarretando num afastamento de seus familiares (WINNICOTT, 1896-1971).

**3 METODOLOGIA**

Para dar inicio a elaboração do trabalho de conclusão de curso é importante a utilização da leitura de conhecimento, citando Diniz e Silva (2008, p. 5) “é a fase preliminar da leitura informativa. Este tipo de leitura permite ao pesquisador selecionar o documento ou a obra que poderá ser aproveitada no seu trabalho e também obter uma visão geral do tema abordado”.

Na realização desse trabalho também foi fundamental utilizar como pesquisa a abordagem qualitativa, pois existiu a necessidade de se aprofundar mais nas leituras dos livros e artigos que vinham a falar sobre o tema, para Oliveira (2008, p.60) “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou fator social de fenômenos da realidade”.

A pesquisa qualitativa tenta explicar de forma mais aprofundada e detalhada as características, significados e os resultados de determinados fatores a e conteúdos que estão sendo pesquisados, podendo utilizar questões abertas ou entrevistas, sem que haja a mensuração dos dados quantitativos (OLIVEIRA, 2008).

 Nesse presente estudo se fez necessário também utilizar como método a pesquisa bibliográfica, segundo Rampazzo (2005, p.53) “A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referencias teóricas publicas (em livros, revistas, etc). Pode ser realizada independentemente, ou como parte de outras pesquisas”.

Essa pesquisa torna-se importante para que se possa ter um maior contato com as obras que tiveram a necessidade de ser utilizadas, como por exemplo os livros clássicos do autor Winnicott, no qual o presente trabalho vem a utilizar como base e referencia, segundo Oliveira (2010, p.69) “O mais importante para quem faz opção por uma pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente de domínio científico”.

O material consultado na pesquisa bibliográfica abrange todo referencial já tornado publico em relação ao tema que se pôde pesquisar, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, monografias, artigos, dissertações teses dentre outros. (RAUPP e BEUER, 2003)

A pesquisa bibliográfica sempre se mostra importante, pois todo trabalho que vem a ser elaborado necessita de obras científicas já publicadas, para que assim possam basear-se, de acordo com Rampazzo (2005, p. 53) “Qualquer espécie de pesquisa, em qualquer área, supõe e exige uma pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação da questão, quer para fundamentação teórica[...]”.

Na construção da coleta de dados necessitou-se procurar como critério selecionar obras científicas e livros que tivessem dados que se relacionassem com o problema de pesquisa, Pois segundo Oliveira (2008, p.69) “A principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador(a) a entrar em contato com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo”.

Teve também como necessidade para a elaboração do trabalho a realização de uma leitura reflexiva para que fosse possível detectar os aspectos mais importantes do texto para que pudesse selecionar as ideias mais importantes dos conteúdos que foram lidos, de acordo com Diniz e Silva (2008, p.5) “Essa é uma fase que requer reflexão que pode ser obtida por meio da análise, comparação, diferenciação, síntese e julgamento das ideias do autor da obra”.

O que foi selecionado como critério de exclusão foram sites não oficiais, blogs, documentos muito antigos que não tivessem uma base teórica. Segundo Oliveira (2010, p.69) “A pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico, tais como livros enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos”.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do tema elencado pode-se compreender que as relações primárias da criança desde o momento de sua gestação irão ter consequências para as demais etapas de sua vida. O primeiro laço que a criança estabelece é com a sua figura materna, sendo assim será o mais influente para que a criança se desenvolva emocionalmente de maneira saudável, pois após o nascimento ela enxerga sua mãe como parte de si, então se há uma correspondência afetiva por parte da mesma ela se sentirá segura para conseguir relacionar-se com as outras figuras do contexto na qual está inserida.

Através das pesquisas pode ser constatado também que mesmo quando a criança é adotada, ela pode ter o mesmo desenvolvimento saudável de uma criança que é filha biológica de sua mãe, isso é possível devido ao vinculo que é gerado logo após a adoção e também de acordo com o cuidado que a mãe tem com a mesma, fazendo com que ela sinta-se segura e acolhida para se desenvolver de maneira favorável, influenciando, na construção de sua personalidade.

Também teve a possibilidade de ser compreendida como a relação entre a mãe e seu bebê poderia se tornar patológica, a partir de um vínculo mal constituído, ou seja se a mãe não corresponde as demandas de confiança de seu filho, ele irá tornar-se uma criança inibida e insegura, com isso foi possível verificar quais os principais fatores para que se estabeleça esse vínculo patológico.

É de se perceber que a mãe e o pai devem está cientes de que seu bebê recebe os estímulos do meio ainda no período de gestação, com isso eles tem que propiciar um ambiente acolhedor para o mesmo através de afetos positivos, dessa maneira criando vínculo com o mesmo para que a criança torne-se cada vez mais desejada. É compreensível também que os pais são as principais figuras que influenciarão no desenvolvimento saudável da criança, diante disso eles devem estabelecer laços afetivos com a mesma para que ela sinta-se como sujeito no mundo e não como um objeto.

Foi possível entender que a partir daí que as relações familiares disfuncionais poderiam vir a interferir no desenvolvimento emocional da criança, colaborando com que o mesmo ocorra de maneira adoecida, no sentido de que a criança absorve todos os estímulos familiares, pois a mesma ainda está se desenvolvendo emocionalmente.

Foi notado também que se a família na qual a criança está inserida não dá uma atenção especial a essa patologia que está causando um sofrimento na mesma, ou não consegue suportar essa doença, acriança irá desenvolver como consequência uma carência afetiva, dessa maneira vindo a deixar de interagir com os demais membros, tornando-se isolada e inibida.

Contudo concluiu-se que foi possível atingir os objetivos desse trabalho no sentido de que tanto a relação mãe-bebê como as relações parentais tem grande importância no desenvolvimento afetivo e emocional da criança e geram consequências futuras para a vida da mesma, isso foi possível através de estudos mais aprofundados acerca do tema que já veio a ser discutidos por outros autores.

 **REFERENCIAS**

ABREU, Cristiano Nabuco de. **Teoria Do Apego**: Fundamentos, Pesquisas E Implicações Clinicas. São Paulo: Casa doPsicólogo, 2005.

AVELLAR, Luziane zacché. **Jogando Na Análise De Crianças:** Intervir-Interpretar Na Abordagem Winnicottiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BEE, Helle; **A Criança Em Desenvolvimento.** Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, 9°ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_\_; BOYD, Denise; **A Criança Em Desenvolvimento.** Tradução: Cristina Monteiro; , 12° ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T.; **Aspectos Psicossociais Da Parentalidade:** O papel de homens e mulheres na família nuclear. Psicol. Argum., Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39 jan./mar. 2011. Disponivel em: < http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30281036/pa4524.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1430843622&Signature=chxjEwLscFLLyHhRA3xi9y5dQAQ%3D&response-content-disposition=inline>. Acessado em: 05/05/2015.

BORSA, J. C.; DIAS, A. C. G. Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério. **Revista Contemporânea–Psicanálise e Transdisciplinariedade**,v.2,p.310-21,2007.Disponível: <http://www.researchgate.net/profile/Juliane\_Borsa/publication/237112931\_Consideration\_about\_MotherChild\_relationship\_from\_the\_Pregnancy\_to\_the\_Postpartum/links/00b7d51d03930ca12f000000.pdf>. Acesso em 04 de abril de 2015.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda Barbosa. **Leitura: Análise E Interpretação.**  Natal, RN: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

FLORES, M. R; SOUZA, A. P. R; MORAES, A. B.; BELTRAMI, L. **Associação entre indicadores de risco ao desenvolvimento infantil e estado emocional materno.***Rev. CEFAC* [online]. 2013, vol.15, n.2, pp. 348-360.  Epub June 05, 2012. Disponivel em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1516-18462013000200011&lang=pt>. Acesso em: 05/05/2015.

GOMES, Kátia. A adoção à luz da teoria winnicottiana.**Winnicott e-prints**,  São Paulo ,  v. 1, n. 2,   2006 .Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1679-432X2006000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em  24  maio  2015.

GONÇALVES, D. M.; PEREIRA, F. K.; OHY, J. B.; LEITE, L. P.; KIKUCHI, R.; **O Vínculo Mãe-Bebê Na Atualidade.** Boletim de Iniciação Científica em Psicologia. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006, 7(1): pp.112-122. Disponivel em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/7/6\_O\_VINCULO\_MAE-BEBE\_NA\_ATUALIDADE.pdf>. Acesso em 05/05/2015.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; PONTES, Karine Diniz da Silva. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v.3, n.2, dez. 2011. Disponível <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S217525912011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 mar. 2015.

LIMA, Telma CS; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 1, p. 37-45, 2007.. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf> Acessado em 18/05/2015.

MARCIEL, R. A; ROSEMBERG, C. P. **A Relação Mãe-Bebê e a Estruturação da Personalidade** *Saúde e Sociedade*, [online] v.15, n.2, p.96-112, maio-ago 2006. Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_pdf&pid=S010412902006000200010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acessado em 05/05/2015.

MORA, Estela; **O Bebê.** Tradução: Daniele Falcão, 1° ed. Brasil: Cultural, S.A, 2008. ( Psiopedagigia infanto-adolescente).

MOTTA, M. G; LUCION, A. B;    MANFRO, G. G.**Efeitos da depressão materna no desenvolvimento neurobiológico e psicológico da criança.***Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul* [online]. 2005, vol.27, n.2, pp. 165-176. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S010181082005000200007&lang=pt> Acessado em 05/05/2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de; **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. 2 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_\_\_. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3. Ed. Revista Ampliada- Petrópoles, RJ: Vozes, 2010.

SEI, M. B.; **Abrindo Espaço Para O Ser:** winnicott e a ludoterapia no contexto da violência familiar.*Psyche* (Sao Paulo) [online]. vol.12, n.22, pp. 199-214, 2008. Disponivelem:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141511382008000100015&script=sci\_arttext> . Acesso em 05/05/2015.

RAMPAZZO, Lino*. Metodologia científica*. 3. ed., São Paulo,. Edições Loyola, 2005.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**, v. 3, 2003.

SPITZ, R. A. **O primeiro Ano de Vida.** (1965)Trad. Erothildes Millan Barros da Rocha. 3° ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Psicologia e Pedagogia).

TEIXEIRA, G. F.; **Depressão Materna e sua Repercussão na Relação Inicial Mãe-Bebê.** Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, n.02, Abr/Mai/Jun 2007. Disponível em:<www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php>

Acesso: 12/05/2015.

WINNICOTT, D.W. (1896-1971). **A Criança E Seu Mundo.** Trad. Álvaro Cabral. 6 ed. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

\_\_\_\_\_\_( 1896-1971). **A Família e o Desenvolvimento Individual.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 3° ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Psicologia e Pedagogia).

\_\_\_\_\_\_(1971). **O Brincar e a Realidade.** Trad.José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. 1° ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

1. Graduanda do Curso de psicologia da Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio. E-mail: samilla.mfl@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte-ce. Pós Graduada em Neuropsicologia pela UNICHRISTUS. E-mail: Jaqueline.andriola@yhoo.com.br [↑](#footnote-ref-2)